

Tradução de  
*Retractationum*  
*libri I, XXVI, 55c-70d*

**Eliakim Ferreira Oliveira**  
Universidade de São Paulo

## AGOSTINHO, REVISOR DE SI MESMO: UMA MANEIRA DE FILOSOFAR<sup>1</sup>

Qualquer comentário sobre a tradução de um trecho das *Retractationes* de Agostinho exigiria, cedo ou tarde, que mais de uma obra fosse comentada. No mínimo, as próprias *Retractationes* e a obra revisada. E isso resultaria em várias questões. A primeira talvez fosse por que traduzir uma revisão em vez de traduzir a obra original. Uma segunda seria algo como: por que traduzir a revisão, em específico, daquele trecho daquela obra? De saída, é importante que tenhamos em mente qual é o estatuto das *Retractationes* no conjunto da obra de Agostinho. Afinal de contas, o que são as *Retractationes*? Pode-se dizer, em linhas gerais, que são os livros que Agostinho escreveu após examinar rigorosamente as obras que havia escrito até o ano de 426 (BROWN, 2006), quando do início da redação da obra, terminada em 428 (MADRID, 1995). O filósofo já estava próximo ao fim da vida (morreria dali a dois anos, em 430). Mas essa não é uma obra qualquer. Percebe-se nela certo paralelismo com as *Confissões*, na medida em que, como comenta Teodoro C. Madrid (1995a, p. 927) na edição espanhola da BAC,

---

1 Este pequeno comentário introdutório tem a mera pretensão de ser isto mesmo: uma pequena introdução ao trecho traduzido, expondo, brevemente, os seus motivos. Não tem a pretensão, nesse sentido, de defender uma tese original ou fazer um comentário linha a linha.

(...) o que ali confessa diante de Deus e dos homens sobre sua vida, aqui nas *Retratações* confessa também diante de Deus e diante dos homens sobre seus escritos, com a mesma sinceridade, humildade, desprendimento e responsabilidade.<sup>2</sup>

Mas o que vale nas *Retractationes*? É inegável que, uma vez que estudamos a obra de um filósofo, devemos considerar as suas próprias correções. Esse é um motivo trivial para se recorrer às *Retractationes*. Mas também essa obra nos mostra algo que é muito peculiar de Agostinho, que talvez possamos entender como uma maneira de filosofar. Não à toa, Goulven Madec (1994, p. XI), em sua introdução à edição italiana da *Città Nuova*, nota que, “como as *Confissões*, as *Retratações* não têm equivalente na história da literatura europeia”.<sup>3</sup> Note bem: talvez não seja o caso de se pensar em Agostinho como um filósofo sistemático. É inegável, porém, que Agostinho tem uma maneira muito própria de filosofar. Essa maneira, aliás, de, podemos dizer, exercitar a razão talvez nos esclareça por que sua filosofia não é sistemática. Como comenta Moacyr Novaes (2009, p. 15),

confessar e retratar-se são duas formas de exercício da razão, porque consistem num exame reiterado da sua insuficiência, ao mesmo tempo em que se inscrevem na filosofia, ao subordinar a consciência dos limites à procura de uma sabedoria transcendente.

É de se esperar que uma filosofia marcada pelo exame da insuficiência da razão – por um lado, na confissão, por outro, na retratação – não poderia resultar numa filosofia de caráter sistemático. É, nesse sentido, que “a unidade da obra parece dever-se precisamente à reiteração de uma

2 “(...) porque lo que allí confiesa ante Dios y los hombres sobre su vida, aquí en las *Retractationes* confiesa también ante Dios y ante los hombres sobre sus escritos, con la misma sinceridad, humildad, desprendimiento y responsabilidad.”

3 “Come le *Confessioni*, le *Ritrattazioni* non hanno equivalente nella storia della letteratura europea.”

concepção de filosofia como exercício permanente da razão” (*Idem*, p. 13).

A esse exercício permanente da razão na confissão e na retratação, eu incluiria os diálogos, que ensejam ocasião para “enigmas, tensões, paradoxos” (*Idem*, p. 16) e as questões, na verdade, as *Oitenta e três questões diversas*, que Agostinho escreveu em 388 (BROWN, 2006), portanto, trinta e oito anos antes de iniciar a redação das *Retratações*. Nessas revisões, Agostinho comenta, a propósito, que as *questões* denotam a busca pela verdade, e que, uma vez encontrada, procurará “defendê-la e comunicá-la” (MADRID, 1995a, p. 890). Essa obra se enquadra muito bem nesse exercício da razão por alguns motivos: o seu estilo se aproxima do estilo dos diálogos e, segundo Madrid, constitui “uma obra especulativa de cunho muito agostiniano, em que a dialética está a serviço da fé” (*Ibidem*)<sup>4</sup>. Ademais, elas são o resultado das perguntas feitas por seus próximos, o que nos mostra certo caráter dialogal e uma destacada preocupação com questões filosóficas e teológicas, indicando, assim, um ambiente de assíduo exercício do pensamento; é trivial salientar, mas essas conversas resultaram em nada menos que oitenta e três questões. Outro aspecto importante a se considerar é que, tal como a maioria das obras de Agostinho (senão todas), muitas das questões tratadas pelo autor tiveram enorme fortuna para a história da filosofia, sobretudo em sua recepção pela filosofia medieval. É o caso da questão XLVI, *As ideias (de ideias)*<sup>5</sup>, uma vez que a crítica ao emanacionismo (de origem marcadamente neoplatônica) durante a Idade Média levou à “retomada de várias teses agostinianas acerca da natureza divina, sobretudo no que diz respeito à matéria e modo de seu pensamento”. (NOVAES; STORCK, 2010, p. 41)

4 “(...) este libro es una obra especulativa de cuño muy agustiniano, donde la dialéctica está al servicio de la fe.”

5 Traduzida por Moacyr Novaes para o nº 40 da revista *Discurso*, cujo tema era, a propósito, a noção de ideia na filosofia medieval. A leitura é mais que recomendável.

Além da relação imediata com as *Retratações*, ao delinear certo estilo de fazer filosofia, citamos as *Oitenta e três questões* porque é um trecho da revisão das questões XXIII a XXX que traduzimos aqui. Já sabemos quais as perguntas o leitor nos fará: por que esse trecho? Por que não traduzir as próprias questões? A justificativa, infelizmente, não é filosófica, mas é, digamos, circunstancial. O Grupo de Estudos de Latim Medieval do Departamento de Filosofia da USP (GELM) vem traduzindo as *Oitenta e três questões* e disponibilizando essas traduções no site do Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval (CEPAME).<sup>6</sup> Não caberia, então, que eu publicasse aqui a tradução dessas questões, porquanto já foram traduzidas, não individualmente, mas em grupo – que é muito mais frutífero –, já estando até publicadas. Por que, então, traduzir a revisão das questões? É que essa já era uma tarefa a mim incumbida, e acredito que, publicadas neste periódico, não apenas permitiriam que, eventualmente, o leitor se iniciasse no estudo das *Retratações*, como também das *Oitenta e três questões*, tendo contato, assim, com o estilo de filosofar próprio desse grande filósofo que foi Agostinho de Hipona.

---

6 Site do Cepame: <<http://cepame.fflch.usp.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

## ORIGINAL

AUGUSTINUS, *Retractationum libri I* (XXVI, 55c-70d). A. Mutzenbecher (ed.), *Corpus Christianorum, Series Latina LVII*.

Vicesima tertia est *De patre et filio*. Vbi dixi: *Quod eam ipse genuerit, qua sapiens dicitur, sapientiam*; sed melius istam quaestionem in libro postea de trinitate tractauimus.

Vicesima quarta est *Vtrum et peccatum et recte factum in libero sit uoluntatis arbitrio*. Quod ita esse omnino uerissimum est; sed ut ad recte faciendum liberum sit, dei gratia liberatur.

Vicesima quinta est *De cruce Christi*;

uicesima sexta *De differentia peccatorum*;

uicesima septima *De prouidentia*;

uicesima octaua *Quare deus mundum facere uoluerit*;

uicesima nona *Vtrum aliquid sit sursum aut deorsum uniuerso*;

tricesima *Vtrum omnia in utilitatem hominis creata sint*.

## TRADUÇÃO

A vigésima terceira é *Sobre o pai e o filho*, em que eu disse: *porque ele próprio gerou a sabedoria pela qual é sábio*. Mas estudei melhor essa questão no livro *A Trindade*, posterior.

A vigésima quarta é *O pecado e a ação reta estão no livre arbítrio da vontade? Que é assim absolutamente verdadeiro*; mas a graça divina o libera para que seja livre para agir retamente.

A Vigésima quinta é *Da Cruz de Cristo*;

a vigésima sexta *Sobre a diferença dos pecados*;

a vigésima sétima *Sobre a providência*;

a vigésima oitava *Por que Deus quis fazer o mundo?*;

a vigésima nona *Se algo está acima ou abaixo para o universo.*

a trigésima *Se todas as coisas foram criadas para a utilidade do homem.*

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *As ideias (De ideis)*. Trad. Moacyr Novaes. In: *Discurso*, n. 40, 2010, p. 377-380.

BROWN, P. *Santo Agostinho: uma biografia*. Trad. Vera Ribeiro. 4. ed. São Paulo: Record, 2006.

MADEC, G. Introduzione generale. In: AGOSTINO. *Le ritrattazioni*. Testo latino dell'edizione Maurina confrontato con il Corpus Christianorum. Traduzione, note e indici di Ubaldo Pizzani. Roma: Città Nuova Editrice, 1993, p. VII-CXI.

MADRID, T. C. Introducción a Las Retractaciones. In: AGUSTÍN. *Obras completas de San Agustín*, XL. Traducción Teodoro C. Madrid. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995, p. 595-625.

\_\_\_\_\_. Notas complementarias. In: AGUSTÍN. *Obras completas de San Agustín*, XL. Traducción Teodoro C. Madrid. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995a, p. 925-927.

NOVAES, M. *A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Agostinho*. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial, 2009.

NOVAES, M.; STORCK, A. A noção de ideia na filosofia medieval: apresentação. In: *Discurso*, n. 40, 2010, p. 39-43.